

# O LEITOR–NARRADOR, O LEITOR–OUVINTE E O BIBLIOTECÁRIO NA FLORESTA LITERÁRIA

SUELI BORTOLIN (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA).

## Resumo

Esse trabalho utilizando uma linguagem ora científica, ora literária, discute a relação entre dois personagens, o leitor–narrador e o leitor–ouvinte. Aborda desde a ancestralidade da oralidade até o que se denomina nos dias atuais de “nova oralidade”. Destaca que a fala ainda é uma modalidade comunicativa muito presente em diferentes países, sendo muito intensa no Brasil, característica essa que contribui para a existência de incontáveis contadores de histórias em todas as regiões do país. Entre eles, infelizmente, há um número muito restrito de bibliotecários, possivelmente por esse profissional não perceber a sua importância na formação e manutenção de leitores. O trabalho defende a necessidade de ampliação de espaços de mediação de leitura por meio da narrativa, cultural e literária, em todos os gêneros de bibliotecas, incluindo aquelas que, tradicionalmente, não a realizam, por exemplo: universitária, empresarial, jurídica, médica etc. Com base nos estudos de Paul Zumthor, desmistifica a crença da necessidade de expedientes sofisticados para a narrativa de histórias e aponta a voz e corpo como os principais recursos para a performance dos contadores. Conclui que ser leitor–narrador e leitor–ouvinte é um processo dinâmico tornando–nos ora mediadores, ora mediados, numa troca de papéis mais do que enriquecedora – salutar, principalmente em um país que, apesar dos avanços no número de leitores, ainda não está satisfeito e quer mais.

## Palavras-chave:

Mediação Literária, bibliotecário–contador de histórias, oralidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Era uma vez uma menina que todos chamavam de Chapeuzinho Vermelho, isso porque sua vovó fez para ela, com muito carinho, um capuz de cor vermelha tão vibrante quanto suas bochechas. E ela gostou tanto que nunca mais conseguiu tirá-lo da cabeça.

Poderíamos escrever esse trabalho integralmente nesse compasso oral, mas a escrita científica exige uma formalidade que nós precisamos acatar (ou não?). Uma linguagem convencionada pelo cientificismo acadêmico e com o uso abundante de termos condicionais como: *talvez*, *possivelmente*, *tudo indica*, *isso nos leva a crer* ou qualquer outra fórmula textual que nos é exigida no cotidiano científico.

Polêmicas a parte, optamos por subverter a ordem e construir esse texto num misto de linguagem subjetiva e objetiva, isto é, ora lançaremos ideias abstratas e flutuantes, ora vamos atracá-las em terra firme. Ora iremos pelo caminho do real, ora da fantasia. E para isso nos apoiamos em um dos contos de fada mais conhecido de todos os tempos, *Chapeuzinho Vermelho*.

Optamos pela versão dos Irmãos Grimm porque nela encontramos os personagens, lobo mau, caçador, chapeuzinho e vovó[1], que permitiram atingir nosso objetivo,

isto é, refletir a respeito da mediação de leitura realizada por bibliotecários. Antes, porém, destacaremos com brevidade a presença da oralidade em nossas vidas.

## 2 A PRESENÇA DA ORALIDADE

A literatura da área de Letras, História Oral e Comunicação evidencia que nos tempos remotos a sociedade era fortemente marcada pela oralidade e que o advento da imprensa e a proliferação da leitura escrita fez com que a comunicação oral perdesse o *status* de veracidade, passando-se a acreditar substancialmente no que está escrito e registrado.

Alertamos, porém, que após a invenção do telefone, gravadores de diferentes potências, rádio, televisão, computadores e outros objetos de transmissão oral, houve um retorno à oralidade e esse movimento é denominado de "nova oralidade". Essa expressão tem sido utilizada entre aspas, talvez, para não denotar a substituição ou supressão de uma oralidade pela outra (antiga e nova), mas sim uma somatória.

Podemos dizer que a "velha oralidade" virou "nova oralidade" após ter assumido uma roupagem tecnológica e se proliferou com facilidade, em especial, nos países em que a modalidade comunicativa é ainda fortemente marcada pela fala. O Brasil é um exemplo disso, pois tem um número expressivo de telefones celulares em circulação.

Além disso, a "nova oralidade", que é veiculada por outras tecnologias além do telefone, tem potência e abrangência, ocupando um espaço significativo no cotidiano das pessoas. Independentemente da classe social, ocupação, idade, nível sócio-cultural somos bombardeados por sons. Esse fenômeno acontece na escola, no ônibus, no condomínio, no semáforo, no salão de beleza, querendo ou não, acabamos ouvindo sons dos mais variados e em volume nem sempre desejados. Cada vez mais e quase involuntariamente as pessoas buscam o contato com os sons artificializados pela mídia e se deixam "seduzir" pelas várias possibilidades.

Dessa forma, não temos saída: "Vamos ter de aprender a trabalhar nesse mundo de pessoas que trazem suas confusas histórias de oralidade, de alfabetização, de escrita e também suas histórias mais novas de habitantes da atual sociedade de imagem e som [...]." (ALMEIDA, 1994: 21).

Por mais contraditório que pareça, esse excesso do uso da audição, está abrindo novas perspectivas de atuação para os chamados "praticantes da voz"[2], isto é, narrador de histórias, leitor público (leitor que faz leitura em voz alta para outra pessoa ou um grupo), poeta performático, cordelista, repentista etc.

Nesse trabalho trataremos especificamente do narrador de histórias, também denominado de leitor-narrador, isto é, o indivíduo que medeia o "encontro" com textos literários, utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar histórias. Em seguida, abordaremos o leitor-ouvinte que é o leitor que recebe a colaboração de um mediador para se encontrar com diferentes textos de forma oral.

### 3 SOMOS NARRADORES DE HISTÓRIAS?

Fazer uma retrospectiva talvez seja uma atitude saudosista, de pessoas que estão envelhecendo. Sem problemas, não nos importamos. Só teme o envelhecimento aqueles que não têm histórias para contar. E nós temos.

Sendo o Oswaldo um cavalheiro, vou iniciar a narrativa.

Se me perguntarem quando comecei a ouvir histórias, não sei responder, sei que meus pais, avôs e tias sempre estavam dispostos a fazer isso. Agora, quando comecei a contar histórias, lembro perfeitamente. Tinha apenas cinco anos e mantinha longos diálogos com os cachorros da família. Talvez por gostar das cócegas na barriga, eles ficavam horas e horas deitados nas minhas pernas, ouvindo as minhas invenções. Aos seis anos comecei a ler histórias para os meus vizinhos, pois fui morar numa instituição japonesa recém desativada e lá havia salas, carteiras, quadro de giz e muitos livros. Evidentemente, que eram livros escritos na língua japonesa e, como eu não estava alfabetizada, nem em português muito menos em japonês, aquelas ilustrações eram decifradas pela minha imaginação que fora abundantemente irrigada pelos meus familiares.

Cresci, fui para a faculdade fazer Biblioteconomia e de lá para cá contei histórias nos lares, bibliotecas, escolas, praças, feiras, livrarias, ruas, igrejas, universidades, ônibus, hospitais, assentamento rural, televisão, rádio; em inumeráveis cidades e para pessoas das mais diferentes faixas etárias.

Com emoção puxei o fio da minha memória e me alonguei na narrativa. Perdão Oswaldo, agora é sua vez:

Ouvi poucas histórias de minha mãe e, menos ainda, de meu pai. Já minha avó materna dizia que havia sido presa de um saci, mas que, de alguma forma, teria conseguido se libertar (seria mesmo minha avó a narradora dessa história?). Um tio agregado, postiço, casado com a irmã de minha mãe, ao contrário, gostava de contar "causos" reais. Sua predileção era por histórias de medo e de terror, em que os fantasmas, almas penadas, almas danadas e que tais, eram personagens constantes. Na casa em que morava com meus pais havia uma portinhola no teto, fechada com um pequeno trinco, que dava acesso ao sótão ou ao telhado. Como ela se situava na parte superior do sobrado, eu era obrigado a passar por ela ao entrar e ao sair do quarto. Isso me causava muito receio. Em uma das histórias de meu tio, certo homem reclamava de barulhos vindos do teto, quando um amigo, cético e metido a corajoso, afirmou que tudo não passava da imaginação e para provar que nada havia ali, foi ao porão e se pos a olhar para todos os lados. Nesse momento, partindo não se sabe de onde, um tapa acertou seu rosto. Apavorado, desceu as escadas quase que em um único salto. Nos dias que se seguiram, as pessoas que o encontravam não sabiam se o vermelhão em seu rosto era causado pela marca que o tapa deixara ou pela vergonha da perda da fama de corajoso - que também rolara escada à baixo.

Minha mãe não contava histórias, mas nos incutiu crenças - a mim e a meu irmão - que carregamos até hoje. Dizia ela que sapatos ou chinelos não deveriam ser deixados com a sola para cima, pois, quem assim o deixasse, perderia a mãe. Mesmo a tendo perdido há muitos anos - por outras causas - ainda me incomoda sapatos ou chinelos virados. Certa vez, fiz um enorme esforço para me conter e não entrar em uma loja de calçados e exigir que a vitrine fosse reorganizada. Isso porque um dos pares, para exibir o seu tipo de solado, estava virado.

Mesmo não tendo uma grande experiência como ouvinte de histórias, amei e amo contá-las. Lia histórias para os meus filhos, outras recontava - aumentando ou diminuindo alguns pontos - ou inventava. De improviso, criava histórias em que os principais personagens eram eles. As crianças, embora críticas, permitem o fantástico, o imaginário, as loucuras, o irreal... Ao lado delas, também permitimos que flua nossa imaginação, que os bloqueios diminuam. Vali-me de personagens de desenhos animados da época para criar pequenas situações, diferentes das exibidas nos desenhos, mas mantendo as características principais deles. Claro que em minhas histórias meus filhos e os amigos deles assumiam a personalidade desses e de outros personagens. O sinal mais marcante de que uma determinada história havia agradado era o pedido: "Conta aquela de ontem!?" ou "Conta de novo!?".

Por força dessas "contações", arrisquei assumir um espaço dedicado às crianças no jornal paroquial do bairro onde morava. Para ser mais exato, o Pari, bairro antigo de São Paulo, era o local em que morava, mas também o lugar onde nasci, meus filhos nasceram e, tanto eu como eles, possuíamos nossas principais relações de amizades. O espaço, de meia página do jornal, era preenchido, basicamente, por uma história infantil. Mas, alimentar um espaço periódico com histórias exigia um esforço de imaginação para o qual eu não estava totalmente preparado. Criar um personagem era possível, mas pensei que o ideal era fazer uso de algo que fosse já conhecido, facilitando a recepção e a relação dos leitores com a história. Lembrei-me do Saci, aquele mesmo que prendera minha avó. Acho que era até uma forma de vingá-la. O Saci, assim, passou a ser o centro de minhas histórias, embora eu o tenha retirado do seu habitat e o jogado na cidade de São Paulo. Os que com ele interagiam nessas histórias eram, claro, meus filhos e os amigos deles. No entanto, mesmo com personagens e cenários definidos, as histórias que criava não eram de meu agrado. Gostei de algumas delas, mas outras, ao contrário, pareciam bobas, sem ação, enfim, ruins. A criatividade presente nos improvisos das histórias para meus filhos, eu não encontrava para as que precisava elaborar para o jornal. A colaboração para a criação das histórias, veio de meus próprios filhos. Certo dia, passeando com eles, percebi que os maiores, gêmeos, na época com quatro ou cinco anos, saltavam as linhas e riscos das calçadas. Resolvi perguntar-lhes por que não pisavam nessas linhas. Eles me olharam sérios e disseram: "Você não sabe, pai? Nas linhas das calçadas moram uns hominhos. Eles vivem lá. Quando nós pisamos nas linhas eles seguram nossos pés e nós caímos". Simples assim. Surpreendente assim. Maravilhoso assim. Óbvio que a próxima história que "criei" após esse fato foi, sem a presença do Saci, a incrível aventura dos pequenos homens que habitavam os vãos e buracos das calçadas. A partir daquele dia passei a observar meus filhos como um pai, mas também como um autor a procura de histórias.

Caminhando floresta adentro retomamos a pergunta-título dessa seção: somos narradores de histórias? A resposta é: se não somos, queremos ser.

#### **4 LEITOR-OUVINTE: chapeuzinho ou vovó?**

Para narrar o conto *Chapeuzinho Vermelho*, o leitor-narrador não precisa ser alfabetizado e nem precisa de um suporte documental, pois ele, o conto, encontra-se, desde os mais remotos tempos, no imaginário de muitas gerações.

Possivelmente exista na face da terra uma ou outra pessoa que não tenha ouvido ou lido esse conto, mas é raridade, principalmente porque há incontáveis versões

dessa história, entre elas aquelas que utilizam outros ambientes ou acrescentam personagens existentes no imaginário específico de uma região ou país.

Decidimos usar as personagens femininas desse conto para fazer a seguinte indagação: *leitor-ouvinte: chapeuzinho ou vovó?*

Fizemos a escolha propositalmente, porque elas representam as duas extremidades da vivência humana - a criança e a vovó. E com isso, tivemos a intenção de lembrar aos mediadores de leitura, em especial, os contadores de histórias, que o gosto em ouvir histórias não tem idade. As crianças pequenas, por não serem alfabetizadas dependem da colaboração de alguém mais velho para fazer suas leituras, portanto, acabam provocando um maior número de mediações, mas é raro um adulto que não se interesse por histórias.

Defendemos que a mediação de textos ficcionais começa, por meio da voz materna, no útero e deve se estender na infância; persistir na adolescência; não ser esquecida na fase adulta, principalmente na etapa da velhice, quando ocorrem alterações no cristalino do olho[3] ou os indivíduos se encontram acamados, asilados, impossibilitados de ler por conta própria.

Notamos, porém que a grande maioria dos projetos brasileiros de narrativas orais acontece nas escolas e bibliotecas e está voltado ao público infantil. A explicação para isso, talvez seja porque o senso comum nos leva a acreditar que a dinâmica do imaginário no indivíduo ocorre exclusivamente na infância. Esse entendimento é equivocado, pois o imaginário está presente no decorrer da vida das pessoas; o bloqueio quem estabelece é o próprio indivíduo que, em sua grande maioria, chegando à fase adulta, passa a acreditar que fantasiar não é compatível com a maturidade.

Portanto, "novas picadas" devem ser abertas nessa floresta. Novos "espaços da voz" precisam ser desbravados. Um movimento, ainda sem muita ênfase, vem ocorrendo no sentido de resgatar saraus e narrativas de histórias para adultos, em espaços comerciais como: bares, restaurantes e livrarias. Cabendo aos profissionais, que ainda não experimentaram narrar histórias, explorar terras desconhecidas para que também seja responsável em "salvar" a chapeuzinho, sem esquecer da vovó.

## **5 LEITOR-NARRADOR: lobo mau ou caçador?**

Se estivéssemos no cenário do conto, *Chapeuzinho Vermelho*, a floresta seria assustadora e fria, mas ouviríamos a doce voz da menina de capuz vermelho perguntando assim:

*- Vovó, porque os seus braços são grandes? E suas orelhas? E os seus olhos, vovó? Pra que esses dentes tão grandes?*

E da boca, tão grande do horrendo lobo mau, sairia uma falsa e rouca voz as seguintes respostas: "para melhor te abraçar, minha netinha; pra te ouvir melhor, minha netinha; pra te ver melhor minha netinha e finalmente - meus dentes? É pra te comer!"

Em seguida, na versão mais amena, entraria pela porta adentro o corajoso caçador com sua espingarda e rapidamente eliminaria o lobo mau, salvando a vovó e a sua neta. O clímax dessa história, narrado com algumas diferenças, está registrado nitidamente na nossa memória, principalmente porque, em geral, por nossa solicitação ela foi oralizada repetidas vezes.

Pensando no leitor-narrador, questionamos: qual o papel que ele assume nesse contexto? O do lobo mau ou do caçador? Ele tem orelhas, nariz, olhos e bocas assombrosos que assustam o leitor-ouvinte? Ou ele porta armas poderosas que podem encaminhar o leitor-ouvinte a uma floresta literária encantada? O leitor-narrador assusta ou salva?

Nosso desejo é que o leitor-narrador assuma o papel do caçador, usando sua principal arma, a voz, despertando no leitor-ouvinte o interesse de permanecer num espaço da narrativa, pois

"[...] a voz é um atributo do ser humano, sendo fundamental para a qualidade de vida das pessoas, visto que é ela quem dá suporte e intensidade à fala. [...] A voz do contador de histórias é ainda fonte de prazer para ele, na medida em que lhe permite expressar, comunicando sentimento, emoções, fatos, cenários, conflitos, valores, crenças". (RODRIGUES, 2004, p.25).

Além disso, sempre defendemos que entre o leitor e mediador deva ser estabelecida uma relação de cumplicidade, mas depois de re-ler Paulo Freire, avaliamos que é melhor dizer uma relação de amorosidade, pois é

"[...] preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica". (FREIRE, 1996, p.120).

Mesmo sendo essa afirmação repleta de idealismo utópico[4], concordamos com o autor e sonhamos com um "modelo" de leitor-narrador com pelos menos algumas dessas características.

## **6 O BIBLIOTECÁRIO NA FLORESTA LITERÁRIA**

Nossa conversa, apesar do teor ficcional, é real e visa encorajar aquele bibliotecário, que pensa: "o caminho é deserto e o lobo mau passeia aqui por perto", a não ter medo de narrar histórias em todos os gêneros de biblioteca, em especial naquelas que tradicionalmente não realizam essa atividade, por exemplo: universitária, empresarial, jurídica, médica etc.

Antes, porém esse profissional precisa acreditar na sua importância e influência na formação e manutenção de leitores; perceber a necessidade da narrativa de histórias para leitores nas mais variadas faixas etárias.

No contexto da oralidade os bibliotecários, por valorizarem em demasia a informação impressa, não realizam ou não intensificam ações de intervenção vocal.

Na contracorrente, defendemos insistentemente a ampliação de espaços de mediação de leitura por meio de narrativas literárias, bem como o aumento de bibliotecários envolvidos nessa tarefa. Há no Brasil incontáveis contadores de histórias, isso é facilmente perceptível na internet. Eles atuam em escolas, hospitais, livrarias, bibliotecas, teatro, bares, restaurantes, mas uma investigação em andamento tem demonstrado o número reduzido de bibliotecários envolvidos com essa seara.

Sem querer apontar culpados, mas em especial, porque somos docentes, devemos refletir a respeito da formação do bibliotecário brasileiro e, conseqüentemente dos conteúdos que ele recebe nos bancos escolares. Para Almeida Júnior:

"[...] a leitura esteve entre as principais preocupações e interesses dos cursos formadores de bibliotecários. Vinculada primordialmente ao livro, a Biblioteconomia tinha na leitura da palavra escrita o recurso para fazer uso daquele suporte. Na década dos 90 do século passado, no entanto, essa situação se modifica". (Almeida Junior, 2007: 36)

Acreditamos que a explicação para essa mudança, talvez esteja na ânsia que as escolas de Biblioteconomia no Brasil tiveram em atender as demandas de mercado, passando a formar profissionais, na grande maioria, para atuar em empresas privadas. Além disso, os governos neoliberais restringem as verbas destinadas à educação e a cultura. A leitura perde o *status* e é vista como uma ação complementar, deixando de ser percebida como elemento presente em todas as atividades desse profissional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007: 38).

Esse panorama apesar de provocar esmorecimento, precisa servir de motivação para aqueles que interessados nessa temática, aqui nos incluímos, desencadeiem ações no sentido de despertar no bibliotecário o interesse em mediar leitura, animar leitura, isto é, ser um leitor-narrador, descobrindo o potencial do seu suporte vocal: narrando histórias, fazendo leituras em voz alta, enfim trocando textos literários com/na comunidade em que trabalha.

## **6 PELA ESTRADA AFORA COM PAUL ZUMTHOR**

Pesquisar oralidade sem estudar os medievalistas é uma tarefa incompleta. Assim, estamos investigando Walter Ong, Jacques Le Goff, Peter Burke, Hans Robert Jauss, mas é o suíço Paul Zumthor que tem sido nossa companhia mais constante. Isso porque esse medievalista fundamentou as suas teorias em observações feitas mundo afora de diferentes "praticantes da voz". Seu enfoque maior foi para os poetas e os cantores de rua medievais. Lendo as suas obras percebemos nitidamente o seu entusiasmo pela oralidade coletiva. Segundo ele,

"Isto tem a ver com minha infância parisiense, as idas e vindas entre o subúrbio onde habitavam meus pais e o colégio do nosso distrito no qual, no começo dos anos 1930, eu fazia meus estudos secundários. Nessa época, as ruas de Paris eram animadas por numerosos cantores de rua. Eu adorava ouvi-los. [...]. Havia o homem, o camelô, sua parlapatice, porque ele vendia canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas-volantes em bagunça num guarda-chuva emborcado

na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam de suas lojas, a rua em volta, os barulhos do mundo e, por cima, o céu de Paris que, no começo do inverno, sob as nuvens de neve, tornava-se violeta". (ZUMTHOR, 2007, p.28-29).

Esse retorno da memória-emocional demonstra a importância da narrativa oral na vida do leitor-ouvinte e as contribuições do leitor-narrador no enriquecimento do imaginário daqueles que estão ao seu redor.

A leitura dos textos de Paul Zumthor tem nos impulsionado a refletir a respeito da "poética da voz", desmistificando a crença da necessidade de expedientes sofisticados para a narrativa de histórias. Além disso, estamos aprendendo diferentes conteúdos teóricos possíveis de serem aplicados no fazer cotidiano do bibliotecário.

Sucintamente iremos apresentar as ideias desse autor que consideramos fundamentais ao bibliotecário ler, pesquisar e utilizar como subsídios no trabalho de mediação de leitura literária por meio da oralidade. São elas: 1) a concepção ampla de oralidade, percebendo-a como um ato que vai além de emissão da voz; 2) a diferenciação do que é voz e o que é vocalidade, sendo a última a contextualização e o uso da voz; 3) a performance, que segundo Zumthor (1997: 157) "[...] põe em presença *atores* (emissor, receptor, único ou vários) e, em jogo, *meios* (voz, gesto, mediação) e 4) a movência das obras, isto é, as possibilidades de uma obra no momento de recepção."

Todos esses elementos não teriam razão de ser analisados se não focarmos também a recepção que na palavra de Zumthor é "[...] a ação do ouvinte, recriando, de acordo com seu próprio uso e suas próprias configurações interiores, o universo significativo que lhes é transmitido." (Zumthor, 1997: 241-242).

Retornando ao conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, o bibliotecário precisa decidir que papel quer assumir (lobo mau ou caçador) e qual a intensidade de energia quer investir nisso.

Resta-nos ainda destacar que ser leitor-narrador ou leitor-ouvinte é um processo dinâmico, pois ora somos mediadores, ora somos mediados, numa troca de papéis mais do que enriquecedora - salutar; principalmente em um país que apesar de avançar estatisticamente o número de leitores, ainda não está satisfeito, e quer mais.

Para encerrar nosso trabalho, retiramos com a autorização do autor Adriano Messias um conto do seu livro *Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão*.

"Conta-se que lá para os lados da vila Macaia vivia um homem com a esposa e um filho. Era a primeira criança do casal e eles estavam rindo à toa. Numa quinta para sexta-feira de lua cheia, chovia forte e o fogão ficou sem lenha para fazer o mingau. O marido saiu com um machado enquanto a mulher agasalhou a menininha, colocando uma blusa de lã vermelha para ela não pegar resfriado. Enquanto foi à cozinha para começar a preparar o mingau que seria cozido, ela ouviu um barulho no quarto. Ao voltar, ela encontrou a janela aberta, uma ventania doida entrando pela casa e, para seu desespero, um bicho enorme, como um cachorrão peludo, carregava a criança na boca. A mãe gritou, gritou, saiu para fora da casa, mas era roça, breu, e a escuridão não deixou ela ver nada.

A mulher debruçou-se sobre a cama e ficou horas chorando, até que o marido voltou com a lenha e ela lhe contou a desgraça. O pobre homem também ficou

muito transtornado, mas tentou consolar a esposa. Abraçou-a e, ao sorrir para ela, buscando animá-la, viu-a desmaiar em seus braços para nunca mais acordar. Sabe por que [...]? Porque quando sorriu, ela percebeu, no meio dos dentes dele uns fiapos de lã vermelha." (MESSIAS, 2005, p.59-60).

*Entrou por uma porta saiu pela outra quem quiser que conte outra...*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons*, São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões de nossa época, v.32).

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de, *Leitura, mediação e apropriação da informação.*, IN: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). *A Leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação.*, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

FREIRE, Paulo, *Conscientização teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª edição, São Paulo: Centauro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1996..

GARCIA, Heliéte Dominguez, *A terceira idade e a Internet: uma questão para o novo milênio*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

GRIMM, Irmãos, *Chapeuzinho Vermelho*, 6ª edição, Porto Alegre: Kuarup, 1993.

MESSIAS, Adriano, *Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão*, São Paulo: Biruta, 2005. (Série contos para não dormir, v.2).

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Voz - instrumento fundamental para o contador de histórias: cuidados e higiene vocal. *Solta voz*, Goiânia, v.15, n.1, jan./jun. 2004.

ZUMTHOR, Paul, Introdução à poesia oral, São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_, Performance, recepção, leitura, São Paulo: EDUC, 2007.

---

[1] Na versão de Charles Perrault não existe o personagem caçador, pois o conto termina com a vovó e a Chapeuzinho sendo devoradas pelo lobo mau.

[2] Expressão do medievalista Paul Zumthor.

[3] "O cristalino é a lente do olho. Na criança ela é transparente e com o passar do tempo ela vai ficando embaçada e opaca, originando a catarata." (GARCIA, 2001: 43).

[4] "Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico". (FREIRE, 1980: 27).